

# O CASO WALDOMIRO E O PT

(Jornal da Tarde - 10/03/2004)

Durante muitos anos –mais de 20— debati, em programas de televisão, com quase todos os principais líderes do PT (Dirceu, Mercadante, Genoio, Rui Falcão, Suplicy, Singer, Bicudo, Prof. Luizinho, Márcio Thomaz Bastos e outros), sempre recebendo deles tratamento fidalgo e a eles retribuindo com idêntico gesto.

Quanto às posições políticas, nossas divergências eram profundas e inconciliáveis. Eram eles favoráveis a um Estado forte, de cunho quase marxista, e a uma empresa dirigida por áulicos; eu, a uma sociedade forte, com empresas geradoras de emprego, em regime de livre concorrência, estando o Estado a serviço da sociedade e não a sociedade a serviço do Estado.

Neste ínterim, vimos o desmantelamento do mundo marxista e a falência do Estado socialista, dominado pelos soviéticos, passando, nossas divergências, para outro plano, ou seja, da ética na política.

Ainda aqui, os dois lados propugnavam pela necessidade de uma atuação ética por parte de todos aqueles que exercem cargos públicos, políticos ou não. Para mim, a ética do cidadão é a única realmente conformadora da moral pública e privada (cheguei, mesmo, a escrever que ser cidadão é mais importante do que ser Presidente da República). Contudo, sempre manifestei desconfiança quanto aos efeitos que o poder exerce sobre o homem, na linha de Montesquieu, para quem o homem não é confiável no poder. Eles sustentavam, sem maiores preocupações, o poder ético do homem público e a eficiência dos instrumentos para fazê-lo valer.

Na sua forma de lutar por ética no poder, nunca deixaram, os meus amigos petistas, de atacar todos os detentores do poder, brandindo suspeitas, provas e pedidos de CPIs, ao menor sintoma de qualquer irregularidade de seus adversários políticos. Pessoalmente, sempre fui contra CPIs, que entendo servirem apenas de palanque político para agressão a adversários no exercício do poder. Eles, sempre foram a favor.

Quando, entretanto, assumiram o poder, estranhamente mudaram de posição. São contrários a qualquer CPI, mesmo para apurar algo que está além da mera suspeita. Eu, pessoalmente, - agora como eles - permaneço contra, mas por coerência, ou seja, pelas mesmas razões de antigamente.

Entendo que o Ministério Público e a Polícia são as instituições que devem apurar prevaricações dos detentores do poder, posição que tinha antes –e por eles era atacada— e que mantenho hoje, concordando com eles, embora nossas motivações sejam diferentes.

O que, todavia, me impressiona, no episódio que dá título a este artigo, é o fato de os petistas apontarem, como responsáveis pela evidente crise por que passa o governo, a mídia e a oposição, como se tivesse sido delas, e não do Chefe da Casa Civil, a escolha do auxiliar mais importante daquela autoridade, que acabou indiciado.

Só há duas hipóteses para o caso: 1) ou o Ministro Chefe da Casa Civil conhecia a vida pregressa de seu interino colaborador –o que, pela imagem que tenho de José Dirceu, não acredito— tornando-o conivente com o ocorrido; ou 2) não conhecia –o que é, de longe, o mais provável— e está em xeque sua capacidade de escolher colaboradores para o governo.

O problema é exclusivamente este. Não foi criado pela mídia, nem pela oposição, mas pelo próprio governo, que, não obstante tendo se preparado tanto tempo para assumir o poder,

não soube –é a mais provável hipótese— escolher colaboradores a altura, demonstrando, pelo menos neste aspecto, incompetência inequívoca.

A crise é, portanto, só esta. Infelizmente, meus amigos do PT ainda não perceberam que, enquanto não enfrentarem a realidade como ela é, preferindo insistir em deslocar a responsabilidade pelas conseqüências do erro que cometeram e desqualificar quem lhes cobra coerência, mais alimentarão a crise e mais vulneráveis ficarão.

Para o bem do Brasil, reconheçam que erraram, que não souberam escolher, que ainda estão aprendendo a governar e, certamente, os efeitos da crise começarão a ser reduzidos.